

O FALAR PARANAENSE

Edson Domingos Fagundes
Loremi Loregian-Penkal
Odete Pereira da Silva Menon
Organizadores

Editora
UTFPR

O FALAR PARANAENSE



Reitor: Carlos Eduardo Cantarelli. **Vice-Reitor:** Luiz Alberto Pilatti. **Diretora de Gestão da Comunicação:** Noemi Henriqueta Brandão de Perdigão. **Coordenadora da Editora:** Camila Lopes Ferreira.

Conselho Editorial da Editora UTFPR. Titulares: Bertoldo Schneider Junior, Hieda Maria Pagliosa Corona, Hypolito José Kalinowski, Isaura Alberton de Lima, Juliana Vitória Messias Bittencourt, Karen Hylgemager Gongora Bariccatti, Luciana Furlaneto-Maia, Maclóvia Corrêa da Silva e Sani de Carvalho Rutz da Silva. **Suplentes:** Anna Sílvia da Rocha, Christian Luiz da Silva, José Antonio Andrés Velásquez Alegre, Lígia Patrícia Torino, Márcio Barreto Rodrigues, Maria de Lourdes Bernartt, Mário Lopes Amorim, Ornella Maria Porcu e Rodrigo Lingnau.

Editora filiada a



Edson Domingos Fagundes
Loremi Loregian-Penkall
Odete Pereira da Silva Menon
(organizadores)

O FALAR PARANAENSE

Curitiba
UTFPR EDITORA
2015

© 2015 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Esta licença permite o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Disponível também em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>>.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F17 O falar paranaense / organização : Edson Domingos Fagundes,
Loremi Loregian-Penkal, Odete Pereira da Silva Menon. —
1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.
210 p.: il.; 23 cm

Inclui bibliografias
Vários autores
ISBN: 978-85-7014-8

1. Variação linguística - Paraná. 2. Língua portuguesa - Variação -
Paraná. 3. Linguagem e línguas - Variação - Paraná. I. Fagundes,
Edson Domingos. II. Loregian-Penkal, Loremi. III. Menon, Odete
Pereira da Silva. IV. Título.
CDD (22. ed.)

Bibliotecário: Adriano Lopes CRB 9/1429

Coordenação editorial
Camila Lopes Ferreira
Emanuelle Torino

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Marco Tulio Braga de Moraes

Revisão
Cleunice Fritoli

Normalização
Camila Lopes Ferreira
Emanuelle Torino

UTFPR EDITORA
Av. Sete de Setembro, 3165 Rebouças
Curitiba – PR 80230-901
www.utfpr.edu.br

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1.1 - Carta IV, do Atlas Linguístico do Paraná..... | 22 |
| Figura 1.2 - Carta 10, do Atlas Linguístico do Paraná..... | 23 |
| Figura 2.1 - Pesos relativos de apagamento de SE no estado do Paraná..... | 42 |
| Figura 7.1 - Slogan de campanha..... | 127 |
| Figura 7.2 - Pão com vina..... | 127 |
| Quadro 9.1 - Formas possessivas no português padrão..... | 163 |
| Quadro 9.2 - Os pronomes pessoais do português coloquial/padrão..... | 164 |
| Quadro 9.3 - Sistema dos possessivos do português coloquial | 164 |
| Gráfico 10.1 - Percentuais da distribuição de nós e de a gente na posição de sujeito entre sexo e escolaridade..... | 178 |
| Quadro 11.1 - Paradigma tradicional do PPOS..... | 195 |
| Quadro 11.2 - Paradigma de PPOS modificado..... | 196 |
| Quadro 11.3 - Paradigma do PPOS em uso no Brasil..... | 197 |
| Quadro 11.4 - Comparativo entre o PPOS canônico, novo e inovador..... | 198 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 2.1 - A variável faixa etária, em função da variável dependente em Irati/PR | 44 |
| Tabela 2.2 - A variável faixa etária, em função da variável dependente em Pato Branco/PR | 45 |
| Tabela 2.3 - Total de ocorrências da variável sexo do informante em função da variável dependente, em Pato Branco/PR | 46 |
| Tabela 3.1 - Ocorrências do pronome EU em relação aos tempos e modos verbais | 55 |
| Tabela 3.2 - Ocorrências do pronome NÓS em relação aos tempos e modos verbais | 57 |
| Tabela 3.3 - Ocorrências do pronome EU em relação ao tipo de oração..... | 59 |
| Tabela 3.4 - Ocorrências do pronome NÓS em relação ao tipo de oração..... | 59 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 4.1 - Presença do objeto x objeto nulo em função do tipo de interlocução | 71 |
| Tabela 4.2 - Presença do objeto x objeto nulo em função do tipo de objeto | 72 |
| Tabela 4.3 - Clíticos pronominais, formas tônicas, formas lexicais e objeto nulo em função dos grupos de fatores escolaridade e sexo | 76 |
| Tabela 5.1 - FL e Ø tratadas separadamente em função do fator localidade | 92 |
| Tabela 5.2 - FL e Ø em função do fator idade do informante | 93 |
| Tabela 5.3 - FL e Ø em função do nível de escolaridade do informante | 94 |
| Tabela 6.1 - Tu/você no Paraná por informante | 106 |
| Tabela 8.1 - Sexo/localidade/variantes | 139 |
| Tabela 8.2 - Faixa etária/localidade/escolaridade | 139 |
| Tabela 8.3 - Escolaridade/localidade/sexo | 140 |
| Tabela 8.4 - Localidade/variantes/sexo/idade/escolaridade/tempos e modos verbais | 141 |
| Tabela 8.5 - Tempos e modos verbais | 143 |
| Tabela 9.1 - Distribuição dos pronomes possessivos | 161 |
| Tabela 9.2 - Ocorrência das diversas formas possessivas no corpus mínimo: 2ª pessoa. Singular/plural | 167 |
| Tabela 9.3 - Frequência geral de aplicação da forma dele. Diferença entre o corpus escrito e o oral | 169 |
| Tabela 9.4 - Ocorrência da forma dele nos vários corpora escritos | 169 |
| Tabela 10.1 - Resultados probabilísticos de nós e de a gente na posição de sujeito – aplicação a gente – agrupamento estilo – discurso – input .64 | 180 |
| Tabela 11.1 - Informantes | 191 |

LISTAS DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

| | |
|---------|---|
| ALERS | Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul |
| ALiB | Atlas Linguístico do Brasil |
| ALPR | Atlas Linguístico do Paraná |
| CCV | Consoante mais vogal mais semivogal |
| CCVC | Consoante mais consoante mais vogal mais consoante |
| Cf. | Confira |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| CTB | Curitiba |
| CV | Consoante mais vogal |
| CVC | Consoante mais vogal mais consoante |
| DE | Discurso direto para o entrevistador |
| DR3 | Discurso relatado de terceiros |
| DRF | Discurso relatado do falante |
| FL | Fator localidade |
| FLP | Florianópolis |
| GN | Gramáticas normativas |
| GT | Gramática Tradicional |
| IRT | Irati |
| LDN | Londrina |
| NURC | Norma Urbana Culta |
| NURC-RJ | Norma Urbana Culta – Rio de Janeiro |
| NURC-SP | Norma Urbana Culta – São Paulo |
| OD | Objeto direto |
| OI | Objeto indireto |
| PB | Português do Brasil |
| PBR | Pato Branco |
| PHPB | Projeto para a História do Português Brasileiro |
| POA | Porto Alegre |
| PPOS | Pronome possessivo |
| PUC-RS | Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul |
| QFF | Questionário Fonético Fonológico |
| QMS | Questionário Morfossintático |
| QSL | Questionário Semântico Lexical |

LISTAS DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

| | |
|-----------|---|
| SP | Sintagma preposicionado |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| Unicentro | Universidade Estadual do Centro-Oeste |
| V | Vogal |
| VC | Vogal mais consoante |
| VARLINE | Varição Linguística de Fala Eslava |
| VARSUL | Varição Linguística na Região Sul do Brasil |
| VPASSINT | Voz passiva sintética |
| VPSA | Voz passiva sem agente |
| vs | Versus |
| VTD | Verbo transitivo direto |
| VTDI | Verbo transitivo direto e indireto |
| VTI | Verbo transitivo indireto |

SUMÁRIO

- 11** Apresentação
- 19** O léxico paranaense: uma viagem pelas veredas rurais e pelos caminhos urbanos
Vanderci de Andrade Aguilera
- 35** Sobre o apagamento de SE
Grace dos Anjos Freire Bandeira
- 51** A elipse do pronome-sujeito de primeira pessoa na linguagem falada do Paraná
Jacqueline Ortelan Maia Botassini
- 67** Pronomes-objeto de primeira e de segunda pessoas na capital paranaense
Cristiane Dias de Lima Dalto
- 83** O pronome objeto indireto de terceira pessoa nos dados do VARSUL nas três capitais da região sul do Brasil
Edson Domingos Fagundes
- 99** Tu e você no Paraná
Loremi Loregian-Penkal
- 113** Leite quente: o xibolete curitibano
Odete Pereira da Silva Menon
- 135** A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil
Adriane Cristina Ribas Setti
- 151** Pronome possessivo: da especialização de algumas formas ao uso
Alexandre Sebastião Ferrari Soares
- 173** A variação entre os pronomes nós/a gente sob a ótica do estilo e discurso: um estudo na cidade de Curitiba
Andréa Maristela Bauer Tamanine
- 189** Revisitando o sistema pronominal possessivo em uso na Ilha de Valadares
Adilson do Rosário Toledo



Apresentação

As pesquisas apresentadas neste livro abordam, de forma didática, temáticas de interesse tanto para os pesquisadores da área da linguagem, como para os professores, jornalistas e demais interessados em saber o que seja “dialeto paranaense”.

Primeiramente, é preciso esclarecer que não existe o dialeto paranaense: o estado tem pelo menos três grandes áreas dialetais. O falar paranaense tradicional corresponde à ocupação histórica vicentina: centro-sul-litoral; a segunda área se formou com a vinda de migrantes gaúchos e catarinenses, à cata de terras mais baratas, desbravando as matas do sudoeste e do oeste do Paraná, transformando-as em áreas agricultáveis. A terceira área linguística corresponde ao norte e noroeste do estado, colonizados por migrantes mineiros e paulistas, que vieram explorar a cultura do café na rica terra roxa. Assim, essa diversidade dialetal vem constituir uma pequena parte daquilo que se chama Português do Brasil (PB). Descrever parte das variedades do PB é colaborar para constituir a grande colcha de retalhos linguística que caracteriza o território nacional.

O primeiro projeto de envergadura para descrever uma das variedades do PB foi o Norma Urbana Culta (NURC). Esse projeto realizou entrevistas com informantes de nível universitário em cinco cidades do Brasil que deveriam ter mais de um milhão de habitantes no Censo de 1960. Preencheram esses requisitos as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Belo Horizonte. Esta última, no entanto, não preenchia o requisito de ter quatro gerações nascidas na cidade e foi substituída por Salvador que, na época, contava com pouco mais de 800 mil habitantes. Embora o critério utilizado tivesse sido a população¹, as

¹ O NURC se integrava no projeto maior de descrição da fala culta das capitais hispanófonas da América e o critério populacional correspondia ao fato de que nos países latino-americanos as capitais concentravam mais de um terço da população.

capitais acabaram representando regiões distintas do Brasil e o material linguístico colhido poderia espelhar a norma culta dos diferentes dialetos. Infelizmente, os materiais do NURC ainda estão à espera de trabalhos exaustivos de descrição. Um trabalho parcial, porque utilizou uma pequena amostra compartilhada, foi levado a cabo pela equipe multi-institucional liderada pelo professor Ataliba Castilho e que gerou a coleção “Gramática do Português Falado”.

Para dar conta das características do português da região Sul, na década de 1980 se reuniram pesquisadores das Universidades Federais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, a fim de elaborar projeto de pesquisa constituído de entrevistas sociolinguísticas de 24 informantes de ambos os sexos, em quatro cidades de cada estado², distribuídas por duas faixas etárias e três níveis de escolaridade. Esse projeto foi chamado de Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARISUL).

Outros pesquisadores se lançaram na feitura do Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul (ALERS) que, diferentemente do VARISUL, registrou a fala de informantes analfabetos ou semiescolarizados em regiões isoladas, a fim de mapear as variantes mais conservadoras (sobretudo no léxico e na morfologia), no sentido de que populações que têm pouco contato com as zonas urbanas mantêm um falar mais arcaizante. O ALERS veio se somar ao trabalho pioneiro de Vanderci Aguilera que, numa época em que as estradas ainda constituíam empecilho de comunicação, percorreu as localidades do estado para fazer o seu Atlas Linguístico do Paraná.

Na esteira desses grandes projetos, pesquisadores começaram a fazer coletas mais pontuais, para tentar descrever aspectos mais localizados do PB, como o levantamento de Adilson Toledo em Paranaguá; ou o de

² A amostra foi recolhida nas capitais e em mais três cidades de cada estado, representativas das diferentes etnias que povoaram a região, sobretudo no século XIX, a época em que o Brasil precisava assegurar a posse das províncias do sul.

Marlene Ogliari em Prudentópolis. Estão em curso: (i) o projeto integrado ao Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), liderado por Vanderci Aguilera, de levantamento das fontes históricas do falar paranaense, em arquivos paranaenses e paulistas (já que até 1853 o Paraná constituía a Quinta Comarca de São Paulo); (ii) o projeto Variação Linguística de Fala Eslava (VARLINFE), liderado por Loremi Loregian Penkal (2011/2012)³, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Câmpus de Irati, cujo objetivo é descrever o português falado nas cidades de colonização eslava do Paraná (24 entrevistas em seis cidades: Irati, Prudentópolis, Mallet, Rio Azul, Rebouças e Ivaí). Também está em fase de finalização a amostra complementar do VARSUL, constituída de informantes de nível universitário e da faixa etária mais jovem (15-24 anos), não contemplados no projeto inicial. Esses materiais já estão sendo aproveitados em trabalhos descritivos (LOREGIAN PENKAL, 2011/ 2012; TAMANINE, 2010)⁴.

Alguns dos resultados de estudos realizados com esse conjunto de amostras vão ser apresentados neste livro, que não se pretende seja exaustivo: o que se quer é que ele sirva de gatilho para outras descrições de variedades paranaenses de fala.

Em “O Léxico paranaense: uma viagem pelas veredas rurais e pelos caminhos urbanos”, por exemplo, Vanderci de Andrade Aguilera demonstra que no Paraná não há muitos pesquisadores que tenham escolhido, ou ainda escolhem, o léxico como objeto de seus estudos. Apesar disso, a autora crê que essa busca poderá ser sempre motivo de reflexões científicas sob vários enfoques teórico-metodológicos. Aguilera apresenta que uma dessas vertentes diz respeito ao estudo do vocabulário paranaense, sob o ponto de vista histórico, como o *Scripturae nas Villas de*

3 LOREGIAN-PENKAL, L. Quem é você? Alternância você(s), ocê(s) e cê(s) no Paraná. Projeto de pós-doutorado financiado pelo CNPq. [Processo: 150642/2011-3], 2011/2012.

4 TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente*: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba - PR. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas (AGUILERA; ALMEIDA-BARONAS, 2007)⁵ e o *Scripturae na Villa de Pernagoa: manuscritos setecentistas* (AGUILERA; VASCONCELOS, 2007)⁶, ambos baseados em corpus diacrônico formado de manuscritos datados do final do século XVII à primeira metade do XIX, coletados junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. Do ponto de vista sincrônico, e com base em pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, Aguilera apresenta que alguns pesquisadores ora se voltam para o falar rural, ora para o urbano. Em seu texto a autora apresenta alguns desses trabalhos realizados junto a falantes paranaenses rurais, tais como o *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981)⁷; o *Atlas linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994)⁸, o *Léxico rural paranaense* (RODRIGUES, 2000)⁹; o *Atlas linguístico do Paraná, vol. II* (ALTINO, 2007)¹⁰ e o artigo *Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná* (AGUILERA, 2006)¹¹. Na perspectiva do falar urbano, há o *Vocabulário paranaense: brasileirismos do Paraná* (WANKE, 1995)¹² e os dados coletados para o *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB), projeto em andamento.

Já Grace dos Anjos Freire Bandeira nos apresenta a análise “Sobre o apagamento de SE” nas quatro cidades paranaenses que compõem o banco de dados VARSUL – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. Para tanto, demonstra em sua análise “quem” é o SE? e busca compro-

5 AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine (Org.). *Scripturae nas villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas*. Londrina: EdUEL, 2007.

6 AGUILERA, Vanderci de Andrade; VASCONCELOS, Celciane (Org.). *Scripturae na villa de Pernagoa: manuscritos setecentistas*. Londrina: EdUEL, 2007.

7 TONIOLO, Ennio José. *Vocabulário de Tibagi*. Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, 1981.

8 AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

9 RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. *Para um glossário da fala popular rural paranaense*. 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

10 ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas linguístico do Paraná: ALPR II*. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

11 AGUILERA, Vanderci de Andrade. Os tupinismos na linguagem rural paranaense. *Línguas & Letras*, Cascavel, v. 4, n. 13, p. 99-125, jan./jun. 2006.

12 WANKE, Ênio Teodoro. *Vocabulário paranaense: brasileirismos do Paraná*. Rio de Janeiro: Plaqueete, 1995.

var duas hipóteses: 1) a de que verbos pronominalizados tendem a não realizar os seus objetos; 2) a de que *me*, *te*, *se* e *nos* tendem a sofrer apagamento na função *sujeito* (esta, exclusiva do *se*) e na função *objeto*.

Jacqueline Ortelan Maia Botassini analisa “A elipse do pronome-sujeito de primeira pessoa na linguagem falada do Paraná” em que, fundamentada na metodologia da Sociolinguística Variacionista, examina a situação do português falado acerca da elipse dos pronomes-sujeito de primeira pessoa (*eu* e *nós*), verificando em que situações o falante faz uso desses pronomes e em que situações os omite, para poder concluir, assim, se é possível caracterizar o português falado do Brasil como língua que prescinde do uso do pronome-sujeito.

No tocante à análise dos pronomes-objeto, Cristiane Dias de Lima Dalto nos apresenta os resultados de sua pesquisa “Pronomes-objeto de primeira e de segunda pessoas na capital paranaense”. A partir da hipótese de que a reorganização verificada no quadro dos pronomes-objeto de terceira pessoa – com a ocorrência de pronomes-sujeito e de objeto nulo (CYRINO, 1994)¹³ em função de objeto – poderia estar sendo implementada também entre os de primeira e de segunda pessoas, Dalto efetuou levantamento de todas as ocorrências de pronomes-objeto – clíticos pronominais e formas tônicas, considerados pela Gramática Tradicional (GT) como formas canônicas para o desempenho da função de objeto –, pronomes-sujeito – também chamados formas lexicais, como *eu* e *tu/você* na função de objeto – e objeto nulo (\emptyset) de primeira e de segunda pessoas com o intuito de verificar a ocorrência das formas acima citadas e em que medida há concorrência entre elas para a mesma função em dados de falantes curitibanos, oriundos do projeto VARSUL.

¹³ CYRINO, Sonia M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1994.

Edson Domingos Fagundes, em “Pronome objeto indireto de terceira pessoa nos dados do VARSUL nas três capitais da região Sul do Brasil”, analisa as ocorrências de pronome objeto indireto avaliando as razões da ocorrência de um menor número de dados para *objeto indireto* em relação aos dados de *objeto direto* encontrados no banco de dados VARSUL. Para tanto, retoma a pesquisa feita em Fagundes (1997), bem como faz levantamento quantitativo das regências dos verbos OD e OI no dicionário “Aurélio”, conforme Ferreira (2009)¹⁴.

Em “Tu e você no Paraná”, Loremi Loregian Penkal apresenta resultados relativos às ocorrências dos pronomes sujeito de segunda pessoa na fala de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco (banco VARSUL). A autora consultou a transcrição das 24 entrevistas de cada uma das 4 cidades do Paraná e checou o áudio de cada uma das ocorrências produzidas pelos falantes. O objetivo é demonstrar, exemplificar e discutir o uso que se faz dos pronomes de segunda pessoa na fala paranaense, bem como flagrar os contextos em que tais pronomes são produzidos.

Odete Pereira da Silva Menon em “*Leite quente: o xibolete curitibano*” nos traz uma reflexão sobre algumas das características do falar curitibano. A pesquisadora parte da discussão dos conceitos de sotaque, dialeto, prosódia e gramática para, assim, poder situar os níveis de variação interdialeto. Em seguida, tece didática análise de alguns casos específicos que caracterizam o dialeto curitibano, no domínio da morfossintaxe.

Partindo do pressuposto de que estão em uso muito mais formas de indeterminação do sujeito do que prescreve a Gramática Tradicional (GT), Adriane Cristina Ribas Setti em sua pesquisa “A indeterminação do sujeito nas três capitais do Sul do Brasil”, com base no trabalho de Menon (1994), analisa algumas possibilidades de indeterminação do

14 FERREIRA. A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

sujeito nas variantes empregadas na oralidade pelos falantes das três capitais do Sul do Brasil, a partir do Banco de Dados do Projeto VARSUL.

Complementando a temática dos pronomes possessivos, em “pronome possessivo: prescrição e uso”, Alexandre Sebastião Ferrari Soares propõe, a partir de *informações* apontadas em vários textos que trataram do assunto, verificar a transformação ocorrida no paradigma dos pronomes e as prováveis consequências no subsistema dos pronomes possessivos.

Dando sequência à análise dos pronomes, em “A variação entre os pronomes *nós/a gente* sob a ótica do estilo e discurso: um estudo na cidade de Curitiba”, Andréa M. Bauer Tamanine traz à baila a discussão sobre a variação entre *nós* e *a gente* – este considerado pronome inovador – na posição de sujeito e a gramaticalização de *a gente* sob a ótica de variáveis relacionadas ao estilo e ao discurso. Composta por um conjunto de dados orais de informantes de Curitiba, capital paranaense, a amostra utilizada por Tamanine na investigação foi constituída por 32 entrevistas do Projeto VARSUL.

Em “Revisitando o sistema pronominal possessivo em uso na Ilha de Valadares”, Adilson do Rosário Toledo efetua um estudo descritivo do sistema pronominal possessivo em uso na Ilha de Valadares, situada na cidade de Paranaguá, litoral do Paraná. Toledo constata que os falantes analisados fazem uso de três formas de pronomes possessivos (PPOS): a forma tradicional, a forma nova e uma forma inovadora. Além disso, constata que existe um padrão sistemático de uso do PPOS em Valadares e sua realização está condicionada por fatores sociais aliados a contextos linguísticos específicos. De modo geral, o PPOS de Valadares assume variadas formas segundo a estrutura, a ordem que ocupa na expressão possessiva e a relação de concordância que veicula. A forma inovadora de PPOS apresenta, ainda, a característica

peculiar da anulação da marca de gênero. No presente estudo, optamos por revisitar o sistema pronominal possessivo de Valadares, em especial, este PPOS inovador.

Dessa forma, colocamos à disposição dos leitores uma pequena amostra das análises já feitas com variedades do português falado no Paraná, esperando que sirvam de estímulo para novas abordagens.

Os Organizadores.

O léxico paranaense: uma viagem pelas veredas rurais e pelos caminhos urbanos

Vanderci de Andrade Aguilera

Introdução

“O *piá*, meio *lonanco*, que ficou com *jojoca* depois de comer as bananas *inconhas* e a *coruja* embrulhada em folha de bananeira, atravessou, *de vereda*, a *sanga* com água pelo *garrão*, querendo alcançar o *arco-da-velha*, mas, com medo dos *fuzilos* e dos *calmariões*, voltou para casa. À noite, caminhando *devarde* pelos *carreiros*, buscou no céu o *caminho-de-adão-e-eva*, mas só conseguiu ver o *criso da luma* que ia *chorungar* toda a plantação de feijão”.

Será que um jovem universitário paranaense, que sempre morou na cidade, saberia compreender, na íntegra, o texto acima? E mais: saberia dizer que as palavras em itálico fazem parte do falar rural que viceja aqui e ali nos mais diversos pontos do Paraná?

Esta diversidade linguística coexistindo no mesmo espaço geográfico e político tem aguçado a curiosidade tanto de especialistas como de leigos, sobretudo quando as diferenças envolvem a nomeação dos seres, isto é, o acervo lexical das comunidades de fala. Neste particular, acreditamos, como Biderman (1997, p. 308),

ser o léxico o tesouro vocabular, um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos da herança cultural de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade [...].

Dessa forma, é importante salientar que, no Paraná, não temos muitos pesquisadores que tenham escolhido, ou ainda escolhem, o léxico como objeto de seus estudos. Apesar disso, creio que essa busca poderá ser sempre motivo de reflexões científicas sob vários enfoques teórico-metodológicos.

Uma dessas vertentes diz respeito ao estudo do vocabulário paranaense, sob o ponto de vista histórico, como o *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas* (AGUILERA; ALMEIDA-BARONAS, 2007) e o *Scripturae na Villa de Pernagoa: manuscritos setecentistas* (AGUILERA; VASCONCELOS, 2007), ambos baseados em *corpus* diacrônico formado de manuscritos datados do final do século XVII à primeira metade do XIX, coletados junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. Para organizar esses dois trabalhos, foram examinados oitenta manuscritos oficiais emanados de antigas vilas (atualmente Guaratuba, Antonina e Paranaguá). Os autores procederam à transcrição (leição) semidiplomática desses manuscritos e, ao final, apresentaram um glossário com o objetivo de “listar alguns vocábulos extraídos dos manuscritos transcritos, elucidar suas definições e esclarecer seus significados dentro do contexto dos documentos” (VASCONCELOS; SILVA; AGUILERA, 2007, p. 89). A título de ilustração, trazemos aqui algumas das palavras registradas no Glossário dessas obras: *abitadores* (habitantes, moradores), *ancear* (oprimir, afligir), *apenar* (obrigar, punir, impor pena), *avulssam* (evulsar, arrancar de forma violenta), *ballandra* (tipo de embarcação antiga), *bando* (pregão, divulgação, proclamação pública), *emtercenção* (intercessão, intervenção), *goarnição* (provimento do necessário, abastecimento), *situantes* (proprietário ou morador de sítio).

Do ponto de vista sincrônico, e com base em pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, alguns pesquisadores ora se voltam para o falar rural, ora para o urbano. Neste texto apresentamos alguns desses

trabalhos¹ realizados junto a falantes paranaenses rurais, tais como o *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981); o *Atlas linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), o *Léxico rural paranaense* (RODRIGUES, 2000); o *Atlas linguístico do Paraná, vol. II* (ALTINO, 2007) e o artigo *Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná* (AGUILERA, 2006). Na perspectiva do falar urbano, temos o *Vocabulário paranista: brasileirismos do Paraná* (WANKE, 1995) e os dados coletados para o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), projeto em andamento.

Estudos lexicais no Paraná: um passeio pelo campo

Os trabalhos aqui elencados não têm em sua gênese a mesma motivação. Por exemplo, o *Vocabulário de Tibagi* é resultado de pesquisa de campo sistemática, de base dialetológica, cujo *corpus* se destinava a trabalho acadêmico. Para tal, Toniolo realizou, entre os anos de 1975 e 1978, quinze viagens ao interior do município para entrevistar 56 tibagianos *incultos – agricultores e pecuaristas – na zona rural de Tibagi*. Acredito que a maioria dos vocábulos coletados por Toniolo não pertence ao vocabulário ativo nem passivo de boa parte dos paranaenses urbanos dos dias atuais. Uma amostra seria: *aborrido* (triste, encolhido); *acocá* (acocar, adular, mimar excessivamente, principalmente uma criança); *afrontado* (cansado (o animal)); *aspa* (chifre); *baitatá* (ente sobrenatural: fogo que

1 Outros trabalhos interessantes sobre o léxico paranaense podem ser consultados: *Viagem ao país dos jesuítas* (MURICY, 1975); *Guaraqueçaba: mar e mato: notas dialetológicas* (ALVAR, 1979); *Le lexique techine des pêcheurs de Guaraqueçaba* (MERCER, 1979); *Antologia do vale do Iguçu* (FILIPAK; SICURO, 1975); *A linguagem dos trapicheiros* (LEÃO, Rejane Maria S., 1988); *A linguagem do oleiro: uma abordagem lexical e fonética nas regiões de Pirai do Sul, Castro, Ponta Grossa, Imbituva e Prudentópolis* (SOZIM, Miriam Martins, 1995); *A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Mourão – PR* (FONSECA, Valéria Sanches, 1996); *Esboço de um atlas linguístico de Centenário do Sul* (PIZOLATO, Tânia Mara Podestá, 1997); *Esboço de um atlas linguístico de Tamarana* (FABRIS, 1997); *Estudo léxico-semântico de Adrianópolis* (CABRAL, Flávia, 1998); *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geosociolinguístico* (LINO, Fádua Moisés, 2000); *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, Fabiane Cristina, 2001); *Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico* (SOUSA, Solange, 2005).

anda, gerado de certas uniões incestuosas); *batido* (guisado de testículos de bovino); *birba* (lagarta que aparece em folhas de couve, soja, mandioca); *cainho* (avarento; outros sinônimos: *curu*, *mísico*, *ridico*, *seguro*); *cave-dar* (dinheiro enterrado; panela de dinheiro); *chimango* (dança na qual as moças tiram os rapazes para dançar); *guapeca* (cachorro de pernas curtas. Var. *peca*, *guapequinha*); *saraquá* (cavadeira); *visage* (assombração).

Outra obra referida é o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), resultado de minha tese (AGUILERA, 1994) e elaborado a partir de entrevistas realizadas em 65 localidades rurais junto a dois informantes, um homem e uma mulher, por localidade, na faixa etária de 30 a 60 anos, analfabetos ou semialfabetizados. A carta IV do ALPR traz as localidades da coleta dos dados.

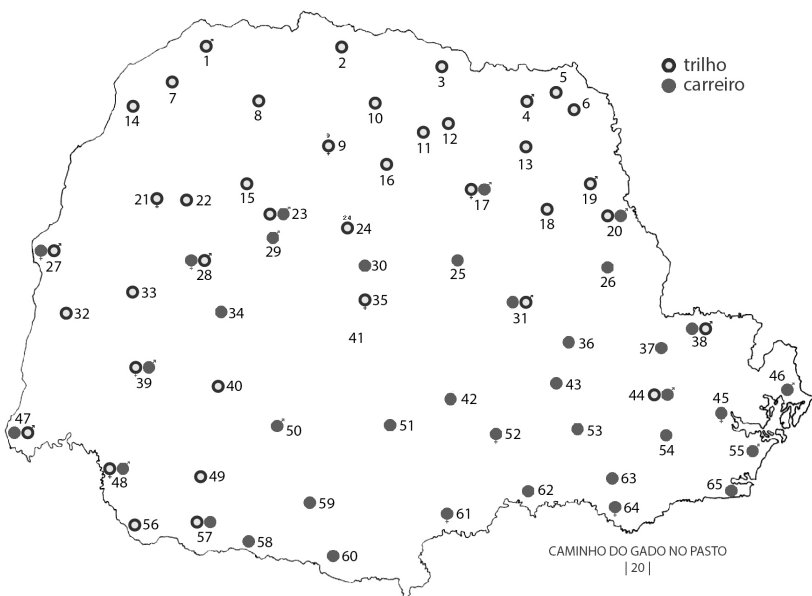


ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ

CARTA IV

Figura 1.1 - Carta IV, do Atlas Linguístico do Paraná
 Fonte: Aguilera (1994).

O ALPR compreende 92 cartas lexicais, 70 fonéticas e 29 cartas sintéticas de isoléxicas ou de isófonas, além de cartas introdutórias que mostram a localização do Paraná no Brasil, o número de habitantes em duas épocas distintas, 1950 e 1980, e quatro cartas sintéticas da ocupação do solo paranaense desde o século XVII ao início do XX. Estas últimas são interessantes por permitirem estabelecer uma relação entre a ocupação do território e a divisão dialetal baseada em dados lexicais. Para ilustrar trazemos a carta n° 10 do ALPR com a distribuição diatópica das variantes léxicas para o *caminho do gado no pasto*:



ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ

CARTA 10

Figura 1.2 - Carta 10, do Atlas Linguístico do Paraná

Fonte: Aguilera (1994).

Esta carta permite verificar, a partir de dados lexicais, que o Paraná pode ser dividido em duas grandes áreas dialetais: a do Paraná Tra-

dicional², que parte do litoral e caminha no sentido Centro, Centro-Oeste e Nordeste; e a do Paraná Moderno, que abrange o Norte Pioneiro, o Norte Novo, o Norte Novíssimo, e se irradia para o Oeste e o Sudoeste. A coocorrência de *trilho* e *carreiro* em determinados pontos mostra áreas de interseção, comprovando que os limites dialetais não são rígidos e fixos, mas fluidos e instáveis, como já comprovava Wenker em sua tentativa de elaborar um Atlas da Alemanha no final do século XIX, mais precisamente em 1881.

Na dissertação *Para um glossário rural paranaense*, no volume dedicado ao glossário propriamente dito, Rodrigues (2000) elencou mais de 560 vocábulos extraídos em sua maioria do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), acrescido de alguns itens do *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981) e de *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste* (MURICY, 1938). Esclarece a autora que listou apenas os verbetes relativos ao campo semântico do *Homem* (partes do corpo humano, funções, alimentação, vestuário, doenças; atividades econômicas, instrumentos, brinquedos e brincadeiras). Selecionamos como amostra: *arigó* (alpargatas), *setra* (estilingue), *aventá* (aventar, abanar, sacudir o feijão colhido, seco e batido para livrá-lo do resíduo das cascas), *bolacha-do-joelho* (patela), *bainha* (vagem), *bidê* (aviãozinho, tipo de papagaio de papel, que, segundo os informantes do ALPR é feito de pacotinho de farinha onde se colocam uns pauzinhos, amarram na ponta uma linha e soltam ao vento), *bolinho-de-graxa* (bolinho frito), *come-quieto* (alpargatas), *dente queiro* (terceiro molar, dente do juízo),

2 A História do Paraná, para Cardoso e Westphalen (1986, p. 9-11), compreende a formação de três comunidades regionais: a do *Paraná Tradicional*, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro e estruturou-se no século XVII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e comércio do gado e, mais tarde, nas atividades extrativas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira; e as do *Paraná Moderno*, já no século XX, sendo as do *Norte*, com a agricultura tropical do café e que, a princípio, pelas origens e interesses históricos, ficou mais diretamente ligada a São Paulo, e a do *Sudoeste e Oeste*, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul.

frangoradinho (plantação de feijão quando as vagens estão se formando), *ingrim* (espiga de milho falhada, malformada), *jojoca* (soluço do bebê), *landra* (glândula, amígdalas), *licenço* (leicença, tumor), *surjoa* (parteira) e *mãe-do-corpo* (útero).

Altino (2007), em sua tese, servindo-se do *corpus* coletado por Aguilera (1994), elaborou o volume II do Atlas linguístico do Paraná com 125 cartas lexicais, 31 fonéticas e duas dialectométricas com índices relativos de distância e de identidade acerca dos falares paranaenses.

Na sequência, no artigo *Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná* (AGUILERA, 2006, p. 99-125), ainda utilizando os dados do ALPR, a autora relaciona e descreve os tupinismos, comentando que:

Quanto aos nomes de origem tupi, registrados no ALPR³, eles pertencem aos campos: a) da fauna: anu, araguaí/araguari, baitaca, beronha, birigui, butuca bituca/ mutuca, caburé, caracará, carancho, carapinhé, carijó, caruncho, cuiuiú, cupim, curica, embuá/ imbuá, guapecá/ peca/ peva, juriú, mamangava/ mamangaba, mandruvá/ mandarová, nacaré, nambeva, nhapacamim/ iapacanim, nhapacaré, picumã, piúca/ pijuca, pinhé, quiriquirei/ quiquiri/ quiliquili, tauató/ taguató, tiriba/tiriva, urubu/orubu/ aribu; b) da flora: apixilim/ pexurim, aracá, araticum/ articum, aroeira, bracatinga, cipó, guavirova / guabiroba/gabirova, imbé (variedade de banana), incõe/inconha, jabuticaba, juá, peroba/ perova, pitanga, saquarema (variedade de banana), taquara, tiguera, urupê; c) de utensílios: arapuca, juquiá, peteca; d) das funções do corpo humano: jojoca, curica; e) de entes sobrenaturais: nhanguinho, saci, baitatá/baetatá. A frequência desses itens lexicais no corpus não é uniforme, porque a maior recorrência de alguns está relacionada ao fato de serem tema no Questionário adotado, dando, pois, origem a cartas temáticas, como é o caso das cartas de n.º 42, para variedades de banana; n.º 51, para variedades/espécies de gavião; n.º 71, para soluço; n.º 78, para cócegas; n.º 150, para o mosquitão que

3 O rol de nomes de origem tupi na fala paranaense é bem mais extenso, mas registro aqui apenas os que surgiram durante a pesquisa de campo com base no Questionário estruturado proposto por Caruso (1983) e adaptado por mim para o ALPR.

pica o gado; e n.º 162 para variedades/espécies de galinha. Os menos recorrentes, na maioria dos casos, representam formas remanescentes que se constituem em últimos documentos orais da fala setecentista e, por isso, estão circunscritos a uma área pouco extensa (AGUILERA, 2006, p. 113-114).

Ao concluir o artigo, Aguilera (2006) esclarece que considera importante ressaltar dois pontos básicos: a importância dos atlas linguísticos para a escrita da história social de uma língua e a confirmação de várias teorias dialetológicas que embasaram os primeiros estudos dessa natureza.

No primeiro caso, a distribuição diatópica, tanto dos tupinismos como de outras variantes, está aí para confirmar a caminhada do homem no espaço geográfico, por ser ele o veículo que transporta a linguagem, pois as palavras não viajam sozinhas como folhas ao vento. O homem se locomove e carrega consigo sua história, suas crenças e tradições. E os atlas, principalmente aqueles voltados para a investigação da fala rural, buscando o falante sem escolaridade e de regiões isoladas, tal como nos primórdios da Geolinguística, têm um papel primordial no armazenamento e detecção das várias camadas linguísticas que se foram sobrepondo ao longo dos séculos.

No segundo caso, confirmam-se os princípios teóricos que subjazem aos estudos dialetológicos, consoante os quais as palavras não caminham de modo uniforme, mas apresentam lacunas na sua expansão e concentração, tornando difícil, muitas vezes, traçar as linhas de isoglossas. Para isso concorrem fatores como o maior ou menor grau de contato entre os falantes da mesma comunidade, o grau de interação social entre diferentes grupos ou classes, os eventos sociais compartilhados, as mudanças decorrentes de fatos históricos ou econômicos, entre outros.

Desta forma, a presença dos tupinismos na linguagem rural paranaense contemporânea indica o grau das relações interpessoais

entre o bandeirante, o minerador, o fazendeiro e os seus *administrados* nos séculos XVII e XVIII.

Além dos tupinismos e de outros indigenismos, há muito a ser estudado sobre os falares paranaenses, para responder a perguntas como: Que contribuição para o léxico paranaense trouxeram os alemães, os italianos, os poloneses, os ucranianos, os japoneses, os árabes, os judeus e tantos outros grupos que ocuparam este solo e dele fizeram sua segunda pátria?

O léxico urbano no Paraná: um rápido passeio pelas cidades

Para esta reflexão, buscamos apenas dois referenciais: o primeiro é a obra de Wanke, que assim introduz a 1ª edição:

Este pequeno vocabulário das palavras que guardei em minha memória de infância e juventude, acrescido de anotações de hoje, é uma singela colaboração aos estudiosos e dicionaristas da língua para que possam incluir em seus trabalhos alguns brasileirismos típicos do Paraná (WANKE, 1995, p. 7).

Trata-se, pois, de obra memorialista, sem preocupação acadêmica. Destacamos alguns desses vocábulos: *alcaide* (patife, pessoa ruim); *apinchar/pinchar* (atirar algo, correr, deslocar-se); *apurado* (necessitado de satisfazer necessidades fisiológicas); *atorar* (cortar fora, amputar); *batata-salsa* (o mesmo que batata-baroa no Rio de Janeiro. Também chamada de aipim salsa ou mandioca salsa); *bidê* (tipo de raia tridimensional, sem rabo, em forma de paralelepípedo); *curu* (sovina, pão-duro); *destripar o mico* (vomitar); *devarde* (debalde, à toa); *de vereda* (em seguida, de repente); *dolé* (picolé, sorvete de pauzinho); *foco* (lâmpada elétrica); *fuque* (fusca, o automóvel Volkswagen tipo besouro); *gengibirra* (refrigerante de gengibre fermentado, comum no Paraná); *pechada* (es-

barro, encontrão, choque); *setra* (estilingue); *viúva* (terçol, pequeno abscesso no canto do olho).

Como se pode observar, muitas dessas palavras, atualmente, estão mais presentes no vocabulário rural do que no urbano. Ainda inédito, o segundo *corpus* urbano de nosso estudo compõe o acervo de dados coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil.

O que os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nos pontos do Paraná, têm a dizer sobre o léxico

O projeto do Atlas Linguístico do Brasil, com sede na Universidade Federal da Bahia, coordenado por um comitê nacional formado por diretores científicos de formação dialetológica, geolinguística e sociolinguística, de mais de uma dezena de Universidades, sob a presidência da Dr^a Suzana Cardoso, está finalizando os estudos relativos à descrição da Língua Portuguesa falada em 25⁴ capitais brasileiras, onde a coleta de dados já está concluída. O ALiB, em 2014, trouxe ao público, pela Editora da UEL, os primeiros volumes que descrevem a metodologia adotada, a variação fonética relativa a determinadas variantes que podem indicar uma possível divisão dialetal brasileira (vogais pretônicas e postônicas, ditongos orais e nasais, consoantes laterais, vibrantes, fricativas alveolares e oclusivas, entre outras) e a variação lexical. Quanto aos pontos do interior, a equipe do ALiB concluiu a coleta dos dados, finalizando os trabalhos nos 26 estados e nas 225 localidades estabelecidas no projeto.

Para a realização da pesquisa de campo, o Comitê Nacional atribuiu a cada um dos diretores científicos um número de estados, cabendo à Regional Paraná a responsabilidade da coleta dos dados no

⁴ Das 27 capitais brasileiras, foram excluídas as duas mais jovens: Palmas e Brasília.

Amapá, São Paulo e Paraná⁵, num total de 54 localidades do interior, além das três capitais.

Os Questionários⁶ (COMITÊ NACIONAL DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 2001) compreendem três grandes partes: o Questionário Fonético Fonológico (QFF), o Questionário Semântico Lexical (QSL) e o Questionário Morfossintático (QMS). As entrevistas são gravadas, transcritas e revisadas pelas equipes regionais e enviadas à sede do Comitê Nacional.

Uma rápida visita aos dados lexicais coletados em 16 localidades do interior paranaense, junto a falantes urbanos, mostra um quadro diferente do apresentado pelos estudos rurais acima mencionados, em particular os referentes aos resultados do ALPR e ALPR II. Para ilustrar, tomemos, por exemplo, o campo semântico da Fauna e analisemos as respostas de quatro das 25 questões propostas pelo ALiB e que têm cartas correspondentes no ALPR e ALPR II: nº 64 *urubu*, nº 65 *beija-flor*, nº 78 *boi sem chifre* e nº 86 *bicho-de-fruta*.

Sobre a questão 64: *ave preta que come animal morto, podre*, o ALPR (informantes rurais) apresenta uma distribuição diatópica bastante regular, compondo duas áreas de isoléxicas: *urubu* nos pontos do Norte e *corvo* nos pontos do Sul. Nos dados do ALiB-PR, essas áreas estão muito pouco definidas, pois a primeira resposta dada é *urubu* (61%) em 13 das 16 localidades e *corvo* (39%) é a segunda resposta, quando o informante é indagado sobre outro nome para a ave. Alegam que *corvo* é fala ‘dos mais antigos’, ou que ‘não é a mais correta’. Na capital, a variante *urubu* foi citada por seis dos oito informantes como primeira resposta e *corvo* foi registrada por apenas dois deles também na primeira resposta.

5 A rede de pontos do Paraná compreende 16 localidades do interior, além da capital: Nova Londrina, Londrina, Terra Boa, Umuarama, Tomazina, Campo Mourão, Cândido de Abreu, Piraí do Sul, Toledo, Adrianópolis, São Miguel do Iguaçú, Imbituva, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão.

6 Constam também questões de prosódia, de pragmática, de metalinguística e um texto para leitura. Para outros dados do ALiB, visite o site www.alib.ufba.br.

Sobre a questão 65: *passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar*, no ALPR, a carta nº 52 mostra a vitalidade de *cuitelo* entre os falantes rurais de várias regiões: litoral, sul, centro e norte pioneiro, representando 65% das localidades, ao contrário dos dados do ALiB, que apresentam, como primeira resposta, *beija-flor* em 13 localidades e apenas em três delas *cuitelo* é a primeira resposta. Os demais informantes, de sete localidades, quando se referem a 'outro nome para o passarinho', declaram que *cuitelo* era usado antigamente e que só os mais velhos ou os moradores da roça ainda falam este nome.

A questão nº 78 para *boi sem chifre* registrou a resposta *mocho* em 100% dos informantes do ALPR II, conforme consta da carta nº 223. Nos dados do ALiB, porém, 64% responderam *mocho* e os demais (36%) declararam não saber ou, se tivessem que nomear, diriam apenas: *boi sem chifre*, sem um nome específico.

Para responder a questão 86 do ALiB sobre as denominações para o *bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco*, o ALPR II traz na carta para *as doenças da goiaba* uma multiplicidade de variantes, tais como: *ferrugem* (30%), *bicho ou bichinho da goiaba* (26%), *coró* ou *corozinho* (13%), *bigato* (11%), *broca* (6%), *lagarta* (2%), *caruncho* (2%), *podre* (2%), *bolor* (2%), além de 9 localidades sem respostas. Note-se que o total é de 75 registros o que indica que muitos informantes deram mais de uma resposta. Nos dados do ALiB, a resposta majoritária é *bicho/bichinho da goiaba* (52%), seguida de *coró/corozinho* (17%) e *bigato* (14%), além das formas menos produtivas *lagarta, micróbio, larva, verme, minhoca, medidor* e *ruga*, que, juntas, representam 17% do total. Observamos que, além da diferença em tempo real (a coleta do ALPR foi feita entre 1985 e 1990 e a do ALiB-PR em 2002 e 2003), temos a oposição rural X urbano. Algumas formas regionais como *bigato* e *coró* ampliaram seu raio de expansão,

pois foram registradas, respectivamente, em 25% e 50% das localidades em estudo. Por outro lado, a forma genérica *bicho-de-goiaba* foi registrada em todas as localidades por pelo menos um informante, chegando a todos eles em Campo Mourão e Morretes.

Conclusão

O léxico paranaense na versão rural e na versão urbana está em luta. Mas a vitória já se vem anunciando há muito tempo. Desde a década de 1950, o Paraná iniciou o processo de urbanização e começou a passar de Estado agrícola a urbano e rurbano. A sociedade mudou, os campos estão vazios, a periferia das cidades está inchada, a tecnologia, e com ela a informática, está presente nas ruas, na mídia, nas casas, nas escolas, que hoje estão mais próximas e acessíveis. E o “vocabulário vai acompanhando e refletindo as transformações dos estados da sociedade, porque os conceitos evoluem acompanhando a marcha da sociedade e as suas mutações” (BIDERMAN, 1997, p. 309).

Assim é que, nos falares paranaenses, lexias antes tão produtivas como *caminho de Santiago*, *arco-da-velha*, *arco-da-aliança*, *calmarião*, *tormenta*, *fuzilo*, *burcão*, *sanga*, *arroio*, *cuitelo*, *corvo*, *galinha polaca*, *galinha peca*, *banana inconha*, *lonanco*, *náfico*, *capela do olho*, *jojoca*, *pechada*, *ramona* e até mesmo o *luvisome* e o *baitatá* estão desaparecendo do vocabulário até mesmo passivo de nossos conterrâneos. Tem razão Biderman (1997, p. 399), ao afirmar que, “ao fazer a história das palavras, muita vez os linguistas fizeram simultaneamente a história da sociedade. Em suma, num vocabulário estão sintetizadas a vida, os valores e crenças de uma comunidade social”.

Retomando o trecho de abertura deste texto: hoje, no falar paranaense urbano, teríamos: o “*piá* ou *menino*, meio *manco*, que ficou

com *soluço* depois de comer as *bananas gêmeas* (ou *felipes*) e a *pamonha* (não mais embrulhada em folha de bananeira, mas saboreada na pamonharia), atravessou, apressadamente o *riozinho*, com água nos *calcanhares*, querendo alcançar o *arco-íris*, mas, com medo dos *raios* e *trovões*, voltou para casa. À noite, caminhando *sossegado* pelos *trilhos*, buscou, no céu, a *via-láctea*, mas só conseguiu ver o *eclipse da lua*, que iria *murchar* toda a plantação de feijão”.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Os tupinismos na linguagem rural paranaense. *Línguas & Letras*, Cascavel, PR, v. 4, n. 12, p. 99-125, jan./jun. 2006.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine (Org.). *Scripturae nas villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina*: manuscritos setecentistas e oitocentistas. Londrina: EdUEL, 2007.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; VASCONCELOS, Celciane (Org.). *Scripturae na villa de Pernagoa*: manuscritos setecentistas. Londrina: EdUEL, 2007.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas linguístico do Paraná*: ALPR II. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Pelos caminhos da geolingüística paranaense*: um estudo do léxico popular de Adrianópolis. 2001. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

ALVAR, J. *Guaraqueçaba, mar e mato*. Curitiba: UFPR, 1979.

BIDERMAN, Maria Tereza. O léxico testemunha de uma cultura. In: HOINKES, Ulrich; DIETRICH, Wolf (Org.) *Kaleidoskop der lexikalischen semantik*. Tübingen: Narr, 1997. p. 308-399.

CABRAL, Flávia Adriane Sant'Ana. *Estudo léxico-semântico de Adrianópolis: primeiros passos*. 1998. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1998.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba: Chain Editora, 1986.

CARUSO, Pedro. *Atlas lingüístico do estado de São Paulo: questionário*. Assis, SP: UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

COMITÊ NACIONAL DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. *Questionários do Atlas lingüístico do Brasil*. Londrina: EdUEL, 2001.

FABRIS, R. S. *Esboço de um atlas lingüístico de Tamarana*. 1997. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

FILIPAK, Francisco; SICURO, Néelson. *Antologia do vale do Iguaçu*. União da Vitória: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União Vitória, 1976.

FONSECA, Valéria Sanches. *A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Mourão-PR*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2002.

LEÃO, Rejane. M S.. *A linguagem dos trapicheiros*. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1988.

LINO, Fádua Maria Moisés. *Aspectos lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico*. 2000. 291 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

MERCER, José Luiz da Veiga. *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*. 1979. Tese (Doutorado em Estudos Românicos) – Université de Toulouse, Toulouse, 1979.

MURICY, Andrade. *Algumas vozes regionais do Paraná do extremo oeste*. Rio de Janeiro: Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, 1938.

MURICY, J. C. S. *Viagem ao país dos jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1975.

PIZOLATO, T. M. de P. *Esboço de uma atlas linguístico de Centenário do Sul*. 1997. 167 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. *Para um glossário da fala popular rural paranaense*. 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

SOUZA, Solange Staciaki de. *Medicina caseira paranaense: um estudo geolingüístico*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

SOZIM, Miriam Martins. *A linguagem do oleiro: uma abordagem social e fonética nas regiões de Piraí do Sul, Castro, Ponta Grossa e Prudentópolis*. 1995. Tese (Doutorado em Letras Filologia e Lingüística Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1995.

TONIOLO, Ennio José. *Vocabulário de Tibagi*. Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, 1981.

VASCONCELOS, Celciane; SILVA, Elvira Barbosa; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Glossário. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; VASCONCELOS, Celciane (Org.). *Scripturae na villa de Pernagoa*: manuscritos setecentistas. Londrina: EdUEL, 2007. p. 89-112.

WANKE, Ênio Teodoro. *Vocabulário paranista: brasileirismos do Paraná*. Rio de Janeiro: Plaquette, 1995.

Informações sobre a aquisição deste
livro podem ser obtidas pelo e-mail:

livraria@utfpr.edu.br

A UTFPR Editora tem por finalidade principal viabilizar a publicação de obras resultantes de atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de documentos institucionais produzidos pela UTFPR. Visa ainda a publicação de obras originais ou traduzidas, de valor técnico, científico, artístico e literário de autores nacionais e internacionais.

Saiba mais em www.utfpr.edu.br/editora



Av. Sete de Setembro, 3165
Rebouças - CEP 80230-901
Curitiba - PR - Brasil

Telefone Geral
+55 (41) 3310-4545